BOM DIA FURG 31.03.1992

Bom dia. Rio Grande, 31 de março de 1992. Hoje é terça-feira.

Os destaques de hoje no Bom Dia FURG. Superintendente fala das atividades de extensão. Conselho Universitário dará título de honoris causa a Liubá de Prá.

Inscritos para a pós-graduação devem comparecer à Universidade. Encerraram na última sexta-feira as inscrições para os cursos de pós-graduação nas áreas de Direito e Administração, cujas aulas vão iniciar no dia 10 de abril. E houve bastante sucesso na procura, já que 92 pessoas buscaram os postos de inscrição, quando o número mínimo de alunos seria 35 por curso.

Agora, a Universidade está chamando estas pessoas que se inscreveram para que realizem as respectivas matrículas, até o dia 7 de abril. As matrículas serão feitas somente no Departamento de Ciências Jurídicas, mesmo para aqueles que farão o curso na área de Administração. Mas está conosco hoje, no Bom Dia FURG, a professora Tânia Regina Wenzke de Almeida.

Ela é Superintendente de Extensão da Universidade do Rio Grande, um setor que, durante todo o ano letivo, tem mil atividades sob sua responsabilidade. Não é, professora? Bom dia. Bom dia, Rosane.

Bom dia a todos os ouvintes da Rádio Universidade. Professora, o senhor esteve nas últimas semanas em Aracaju, quando da realização do Fórum de Reitores, da plenária do Conselho de Reitores, quando também houve um encontro paralelo de pró-reitores de extensão. Quais foram os resultados desse encontro? O que foi debatido nesse encontro, professora? O FACRUB, que foi um evento correlato à plenária do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, teve como ideia, que partiu do FACRUB, mobilizar as universidades a formar um corredor cultural, promovendo o intercâmbio entre as universidades brasileiras, respeitando o projeto e o movimento cultural de cada uma delas.

Este evento constou de palestras, mesa redonda, sobre a missão cultural das universidades. Também as formas de organização e intercâmbio cultural entre as mesmas e a cultura na universidade. Esses temas foram bastante debatidos por todos os participantes, tendo em vista que em 21 de abril nós teremos o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Brasileiras, que terá como tema principal também Universidade e Cultura, em Santa Maria, dia 21 de abril.

Professora, teve bastante participação esse encontro lá em Aracaju, como é que foi a participação das universidades no geral? Sim, a participação foi muito expressiva, porque este é um assunto, Rosane, de muito interesse das universidades, um assunto em que as universidades estão muito preocupadas em debater a questão da cultura. É muito difícil levar a cultura e a arte para dentro das universidades? Sim, é muito difícil, diante da pequena participação de pessoas qualificadas nesta área. E como recomendação deste evento, ficou

decidido, e eu acho que é importante ressaltar para a comunidade isto, Rosane, que as universidades procurarão planejar e organizar circuitos culturais, implementando projetos e eventos sobre a forma de intercâmbio de experiências, criação de bancos de dados, exposições itinerantes e outras ideias e programas a serem debatidos e realizados em conjunto.

E será mais fortemente debatido, então, no próximo encontro em Santa Maria? Sim, Rosane, no dia 21 de abril nós vamos ter oportunidade, na realização do sexto fórum, de dar continuidade a este assunto. E também é importante nós definirmos que neste evento nós vamos ter oito grupos temáticos que vão tratar sobre o assunto. Um grupo tratando sobre patrimônio cultural, questão de museus e questão de memória, música, artes plásticas, editoração, difusão cultural, artes cênicas, práticas esportivas, recreativas e lazer, cinema, vídeo, TV e criação literária.

A representação da FURG será a superintendente de extensão, apenas? Este evento reúne os pró-reitores de extensão de todas as universidades brasileiras, universidades públicas, mas ele é aberto à comunidade. E nós vamos fazer um esforço para levarmos professores e representantes de cada uma destas áreas para debater o assunto. Muito obrigada, então, por suas informações.

Bom dia, FURG, professora Tânia. Mais alguma informação que o senhor gostaria de dar à comunidade universitária? Neste momento, não, Rosane, nós voltaremos numa próxima oportunidade, colocando maiores detalhes em relação ao evento de Santa Maria. O Conselho Universitário da Universidade do Rio Grande, em sua reunião da última sexta-feira, aprovou por unanimidade a concessão do título de professora honoris causa à educadora Liubá de Prá.

A proposição do título foi do professor João Marinoni Larges, chefe do Departamento de Ciências Jurídicas da FURG. O repórter Willy Cesar conversou ontem com a professora Liubá. Como a senhora recebeu a notícia da concessão do título honoris causa concedido pela Universidade do Rio Grande? Confesso que foi uma imensa surpresa, porque eu não esperava nada.

Nunca pensei que alguém se lembrasse de mim. Porque toda a vida trabalhei apaixonadamente, porque sempre, como eu disse, gostei da minha profissão e nunca esperei nada. De maneira que isso, para mim, foi hoje uma imensa surpresa, que eu não sei mesmo como interpretar.

Não contava com isso. Confesso que nunca pensei que se lembrassem, que um dia reconhecessem que eu trabalhei 76 anos. A senhora irá receber o título? As minhas condições agora, físicas, são muito difíceis.

Eu estou caminhando muito mal, de maneiras que eu gostaria que um amigo me substituísse. Se isso for possível, porque realmente eu não tenho quase condições agora para sair. Estou caminhando mal também.

São 92, não é? São 92, a gente tem direito. A senhora sabe que foram pouquíssimas as

mulheres no Brasil que receberam essa homenagem de uma universidade? Não, não sei. Confesso que nem penso nisso.

Não sei. Nunca ouvi dizer. Nunca pensei que alguém se lembrasse de mim.

É pura verdade. Nunca ninguém me ouviu dizer que alguém, que tinham sido ingratos, que eu fiz alguma coisa. Sinceramente, nunca pensei nisso.

Isso para mim é uma surpresa. Estou dizendo a verdade. Estou pensando alto aqui, é pura verdade.

Nunca ninguém me ouviu dizer. Eu senti muito que a universidade aqui do Rio Grande me tivesse posto de lado, porque não só pelo que eu posso dizer, mas pelo que eu posso mostrar como documentação. Que a minha documentação realmente, sobretudo de monumentos de arte, é muito importante.

A senhora trabalhou, trabalha ainda, desde 1916 como professora. O que é ser professora para a senhora? Nunca pensei. Toda a vida, desde criança, sempre disse que eu queria ser professora.

E as escolas do Rio Grande, naquele tempo, realmente os colégios não eram bons. Todos nós tínhamos professores particulares. Minha mãe foi criada com governantes.

Aliás, ela falava muito bem francês, italiano. Todas as famílias tradicionais do Rio Grande, todas tinham governantes, meninos. Eu, então, ia estudar na Europa.

Por isso eu pedi ao meu pai, quando eu queria estudar, veio aqui para o Rio Grande a companhia francesa. E a filha de um engenheiro, que era mais ou menos a minha idade, tinha ido para um colégio em Paris. Então eu pedi ao meu pai que me deixasse também.

E ele concedeu. E eu fui com 12 anos. O colégio, na verdade, era em Versailles.

Mas nunca tinha lugar e tinha um colégio fundado em Paris. E, então, eu fiquei em Paris. Fiquei até dois anos de paz, depois dois anos de guerra.

E foram, realmente, ainda até hoje, esse colégio é um dos grandes colégios de Paris. E eu, então, trouxe o mínimo que eu podia trazer como diploma, que era de Institutriz. Que eu tenho.

Por licionar tantos anos, a senhora recebeu as palmas acadêmicas do governo francês. Pois é. E poucos anos, quando eu já estava no Rio, o governo francês... Aliás, o embaixador tinha me pedido para eu ensinar os filhos do embaixador francês. Mas eu não aceitei, porque eles queriam que eu fosse embaixada.

E eu, aqui no Rio, estava muito importante. Os alunos iam à minha casa. E aí, nessa ocasião, o governo me mandou as palmas acadêmicas como prova... De que eu, enfim, tinha trabalhado e

continuei trabalhando.

Quantos alunos a senhora tem hoje? Agora tenho muito poucos. Não, porque eu não tenho, eu só dou aulas assim à tarde. Eu não posso mais dar aulas.

Eu dava aulas de manhã, e à tarde, e à noite. No Rio, eu cheguei a dar um dia, 10 horas de aula num dia. Não sei se eu já não estava bem lúcida no fim, mas, enfim, os alunos não se queixaram.

Diamente que aqui, agora, eu estou. E eu estou no fim, não é? Agora eu não tenho mais condições, sobretudo porque da falta de visão. Estou vendo muito mal.

A senhora... Como a senhora analisa o magistério? O que é lecionar para a senhora, ser professora? Nunca pensei. Eu acho que é um cargo importantíssimo. Porque o que nós adquirimos, eu considero como um capital.

Que a vida inteira tem que render juros, não é? Então, quando as crianças têm... Como eu tive a sorte, porque era um dos grandes ginásios de Paris. Grandes professores. De maneira que essa instrução é importantíssima.

Eu considero um capital que a vida inteira tem que render juros, não é? A senhora... Você ama a profissão de lecionar? Como? A senhora gosta da profissão de lecionar? Eu gosto apaixonadamente, gostei toda a vida e continuo. Que até hoje, eu confesso que a minha renda é muito pequena. Mas eu poderia... Tenho ainda uns alunos.

E eu não posso quase ler. Mas como eu... É verdade, eu sei de cor quase todos os livros. As gramáticas e as tragédias do teatro francês e racismo e tudo isso.

Os alunos não se queixam. E eu continuo. Com a palavra da professora Liubá Diprá, estamos encerrando por aqui hoje o Bom Dia FURG.

Estaremos de volta amanhã. Até lá.